



ALMEIDA, Bruno Henrique Prates. **Pulsão de Morte:** Convergências e Divergências entre Sigmund Freud e Wilhelm Reich. Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

PULSÃO DE MORTE: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE SIGMUND FREUD E WILHELM REICH

Bruno Henrique Prates de Almeida

*Dedico este pouco de conhecimento
a todas as pessoas que acreditam
que a vida não é, por natureza,
um sofrimento.*

Introdução

Enfocamos na parte inicial deste trabalho, alguns fundamentos da teoria psicanalítica, objetivando demonstrar o caminho trilhado por Freud até a apresentação de sua hipótese da pulsão de morte. Para tanto, faz-se necessária a abordagem e explicitação, mesmo que sucinta, de alguns termos psicanalíticos como “pulsão”, “princípio do prazer” e “princípio da realidade”.

Num segundo momento, estaremos expondo os questionamentos e investigações realizadas por Wilhelm Reich a respeito da existência inata da pulsão de morte. Porém, mesmo sendo também psicanalista, aluno e seguidor de Freud, foi “expulso” da IPA (*International Psychoanalytic Association*) em 1934, por questões ideológicas (sócio-políticas), continuando seus estudos a partir da psicanálise. É importante ressaltar que ocorreu uma ruptura entre Reich e a instituição, mas de certa forma, isso não resultou na ruptura total com a teoria psicanalítica.

A Pulsão

O termo “pulsão” permeia toda a teoria psicanalítica e, no entanto, em decorrência das traduções e de alguns autores, em diversas ocasiões sofreu a perda do seu real sentido. Encontramos inúmeras obras (e autores) considerando a “pulsão” como o equivalente ao “instinto”; porém no original alemão existem os dois termos, *Instinkt* e *Trieb*, utilizados na obra freudiana cada qual com o seu significado próprio. *Instinkt* indica um comportamento animal herdado através da hereditariedade em uma determinada espécie, e que vai variar muito pouco (ou nada) de um ser para o outro, tendo ainda, uma finalidade mais ou menos



ALMEIDA, Bruno Henrique Prates. **Pulsão de Morte:** Convergências e Divergências entre Sigmund Freud e Wilhelm Reich. Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

definida. *Trieb*, de raiz germânica, evoca o sentido de impulsão, enfatizando-se mais a pressão irrefreável do que a meta final em si.

Freud introduziu este termo (*Trieb*) em sua obra em 1905, no clássico “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de modo que neste, encontram-se as distinções realizadas pelo autor entre a fonte, o objeto, a finalidade e a força da pulsão. É válido destacar que estes quatro elementos, indicadores das vicissitudes pulsionais, só vieram a se configurar de uma maneira mais completa por volta de 1915.

A pulsão, na concepção freudiana é, portanto, “um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático,... o representante psíquico dos estímulos que se originam de dentro do organismo e alcançam a mente” (Freud, 1915/1976, pág.142). Ela é, por si mesma, exigências de trabalho para a vida psíquica, uma carga de excitação que o organismo necessita descarregar. Representa então, uma excitação que encontra sua *fonte* no próprio corpo (zonas erógenas), provinda, a princípio, das necessidades mais primárias de sobrevivência; a *força* diz respeito ao aspecto econômico, quantitativo da energia psíquica. Freud denominou a energia das pulsões de *libido*; já a *finalidade* é sempre a descarga da excitação e vale lembrar que não se refere somente à questão genital, mas foi no cerne da sexualidade humana que Freud veio esboçar a noção de pulsão. Esta descarga visa o retorno do organismo a um estado anterior, equilibrado, existente antes do aumento da carga excitatória. O *objeto* é sempre aquele que se torna capaz de proporcionar a satisfação, pelo menos como depositário de descarga, sendo que um único objeto poderá servir a várias pulsões ao mesmo tempo. Um exemplo disso é a boca, que na fase oral, é local de satisfação para necessidades alimentares (amamentação), mas também de pulsões sexuais (sucção após o término do leite) e agressivas (mordidas no bico do seio).

Verificamos na obra freudiana que a teoria das pulsões sempre se manteve em dualidade desde o seu início, quando foi concebida a primeira elaboração entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego ou de autoconservação. Essa teoria inicial das pulsões foi modificada posteriormente, vindo a ser e constituir o modelo vigente da teoria pulsional: o dualismo entre as pulsões de vida (Eros) e as pulsões de morte (Tanatos).



ALMEIDA, Bruno Henrique Prates. **Pulsão de Morte:** Convergências e Divergências entre Sigmund Freud e Wilhelm Reich. Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

A pulsão sexual pode ser descrita como uma pressão interna que, primariamente (nas crianças), não se satisfaz genitalmente. Sua satisfação encontra descarga em diversas partes do corpo (zonas erógenas), seguindo um complexo desenvolvimento (oral, anal, fálico, latência) até atingir as atividades sexuais propriamente ditas que se iniciam naturalmente na puberdade. Antes de alcançar este último estágio, elas são consideradas pulsões parciais, mais ou menos independentes entre si, que estarão encontrando satisfação em zonas isoladas do corpo, seguindo o desenvolvimento psicosexual considerado na psicanálise. É importante pontuar que as pulsões sexuais foram tomadas pelas pulsões de vida no segundo modelo teórico de Freud e, de certo modo, correspondem a elas com algumas alterações.

Já as pulsões de autoconservação correspondem às funções corporais necessárias à conservação do indivíduo, sendo a fome o seu principal protótipo, por isso, elas têm objetos fixos e específicos.

Antes de discutirmos o segundo dualismo pulsional e, conseqüentemente, aprofundarmos no tema principal deste artigo, descreveremos, também de certa forma resumida, os dois princípios que regem o funcionamento mental.

O Princípio do Prazer

Dentro da perspectiva proposta por Freud acerca deste princípio, podemos frisar que a atividade psíquica objetiva o impedimento do desprazer. A meta principal não se encontra então, na busca do prazer, mas sim, na evitação ou descarga da tensão, diversas vezes sentida como desagradável. Do ponto de vista econômico, a princípio, “o desprazer está ligado ao aumento das quantidades de excitação e o prazer à sua redução” (Laplanche e Pontalis, 1999, p. 364).

No artigo intitulado “Além do princípio do prazer” (1920/1976), Freud expõe que “o princípio do prazer decorre do princípio de constância” (p. 19), portanto estes dois princípios estão particularmente relacionados. O princípio de constância é a tendência do aparelho ou sistema psíquico, a manter o nível de excitação o mais baixo possível, ou ao menos, constante. Corresponderia ao “princípio da homeostase biológica” (Zimmerman, 1999, p. 78), termo da medicina que designa uma necessidade biológica de manter um equilíbrio das



ALMEIDA, Bruno Henrique Prates. **Pulsão de Morte:** Convergências e Divergências entre Sigmund Freud e Wilhelm Reich. Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

tensões criadas pelo próprio organismo, até mesmo num nível intracerebral. Mas, conforme Laplanche e Pontalis (1999, p. 360), “a idéia de homeostase é a de um equilíbrio dinâmico característico do corpo vivo, e de modo nenhum a de uma redução de tensão a um nível mínimo” ou zero, que corresponderia à morte do organismo. Esta constância é conseguida através da descarga energética ou da evitação daquilo que pode aumentar a quantidade de excitação. Porém, percebeu-se a dificuldade em equiparar radicalmente a tensão ao desprazer e a descarga ao prazer, pelo fato de existirem tensões agradáveis, como por exemplo, a tensão sexual.

O princípio do prazer desempenha suas atividades sem se preocupar com as exigências da realidade externa; quer, na verdade, percorrer os caminhos mais curtos possíveis para realizar seus objetivos. É um funcionamento típico do aparelho psíquico infantil, onde não se leva em conta nenhum adiamento para o que possa proporcionar prazer. Isso não significa que na fase adulta (madura) ele seja totalmente abandonado, mas sim, que não deve predominar sobre o princípio de realidade.

O Princípio de Realidade

Este princípio vai se instaurando na medida em que a criança vai se adaptando ao mundo externo, adquirindo maturidade cognitiva e fisiológica (linguagem, controle dos esfíncteres, etc.). É uma modificação do princípio do prazer, já que torna as exigências psíquicas passíveis de certo adiamento e desvios, com o fito de regulá-las de acordo com a realidade. Podemos acrescentar que a energia que antes se encontrava de certa forma, livre, móvel e procurava meios rápidos de descarga, com a instalação do princípio de realidade, se torna mais controlada e até mesmo vagarosa, ou menos impulsiva, no que diz respeito à sua meta final.

Pulsão de Morte X Pulsão de Vida

Estes dois conceitos foram introduzidos por Freud no já citado “Além do Princípio do Prazer” (1920/1976) e permearam sua obra até o fim; porém, a hipótese referente à pulsão de morte não foi inteiramente aceita por muitos de seus seguidores diferentemente do que



ALMEIDA, Bruno Henrique Prates. **Pulsão de Morte**: Convergências e Divergências entre Sigmund Freud e Wilhelm Reich. Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

ocorreu com a maioria de seus conceitos. Na época que entrou em voga foi muito questionada e, ainda hoje, é uma de suas noções que causam maiores controvérsias.

A questão da pulsão de morte faz parte do segundo dualismo pulsional proposto e encontra-se em oposição às pulsões sexuais e do ego (ou de autoconservação) que, a partir deste momento, constituem as chamadas pulsões de vida ou Eros. Este último é mais um dentre os muitos termos retirados da filosofia, poesia e mitologia, utilizados por Freud para designar ou representar algum conceito. Eros é um termo grego que simboliza o amor e o deus Amor. Na psicanálise, designa o conjunto das pulsões de vida que têm uma tendência a constituir e conservar unidades cada vez maiores, com o objetivo de preservar a existência do organismo. Existe aí uma espécie de princípio de ligação, que deseja unir partes, formando estruturas maiores e conservá-las. Num nível celular, corresponderia às células germinais que, sob condições favoráveis, podem se multiplicar e se “revestirem” de um novo corpo (soma). As pulsões de vida visam então, “o estabelecimento e manutenção de formas mais diferenciadas e mais organizadas, a **constância** e mesmo **o aumento das diferenças de nível** energético entre o organismo e o meio” (Laplanche e Pontalis, 1999, p. 415). Seguindo esta linha de raciocínio, elas não obedecem à regra geral das pulsões que é a de retornar a um estado anterior, ou seja, a um estado menos organizado e simples, seguindo um caminho regressivo e retornando ao estado equilibrado de excitações. Esta tendência ao retorno, à repetição, foi descrita a partir da chamada compulsão à repetição, observada nas brincadeiras infantis, no tratamento analítico e ainda no campo da biologia, afirmando ainda mais o caráter instintual desta compulsão: “Certos peixes, por exemplo, empreendem laboriosas migrações na época da desova, a fim de depositar sua progênie em águas específicas, muito afastadas de suas regiões costumeiras” (Freud, 1915/1976, p. 54). Freud (1920/1976) nos coloca uma questão intrigante levantando a hipótese de que os atributos da vida podem ter sido evocados na matéria inanimada, em determinada ocasião, por ação de uma força “cuja natureza não podemos formar concepção” (p. 56). E ainda, que pode ter sido através de um processo semelhante, que a consciência foi desenvolvida nesta matéria, a partir de agora, animada. Partindo disto, percebe-se que fora criada, portanto, uma tensão na substância inanimada. Ela, de alguma forma, tenta neutralizar ou descarregar tal



ALMEIDA, Bruno Henrique Prates. **Pulsão de Morte: Convergências e Divergências entre Sigmund Freud e Wilhelm Reich.** Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

excitação, procurando retornar ao que era antes e criando, assim, “o primeiro instinto: o instinto a retornar ao estado inanimado” (p. 56). O autor ainda complementa dizendo que numa época dessas, de estruturas tão simples, com certeza a vida era curta, sendo a substância criada e morta diversas vezes, até que influências externas pudessem vir a modificar este curso de vida breve.

A pulsão de morte propriamente dita, visa à redução completa das tensões, a um (re)conduzir o ser vivo para um estado inorgânico, que seria a forma mais primitiva do ser: o estado inanimado. Neste ponto, Freud aceita o termo proposto pela psicanalista inglesa Bárbara Low, denominado “Princípio de Nirvana” que designa a tendência do aparelho psíquico a levar a zero a quantidade de excitação nele presente. “Nirvana” é um conceito budista difundido por Schopenhauer no Ocidente e significa “a extinção do desejo humano... um estado de quietude e de felicidade perfeita” (Laplanche e Pontalis, 1999, p.363-364).

Freud (1920/1976) afirma que as formas primitivas de vida não teriam em si mesmas, desejo de mudar, então elas simplesmente permaneceriam repetindo o mesmo curso de vida, caso nenhuma exigência externa viesse a modificar esse quadro. Assim, essa natureza conservadora determinaria que o objetivo primevo da vida seria o de atingir estados iniciais, antigos, já atingidos e não o contrário. Então, se “tudo o que vive, morrer por causas internas, logo o objetivo de toda vida é a morte” (p. 56). Então, a função das pulsões de vida seria, sob este ponto de vista, o de garantir, ou descobrir caminhos, para que o organismo siga sua rota até a meta final da vida sem ser interrompido por causas externas, podendo retornar ao estado inorgânico à sua própria maneira: “o que nos resta é o fato de que o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo” (p. 57). E Eros é extremamente conservador, pois busca resistir às influências externas e urge por preservar a vida mais longamente. É interessante notar a incansável insistência de qualquer pulsão, mesmo que reprimida, para alcançar a satisfação representativa de alguma experiência primária que foi prazerosa.

É muito claro dentro do pensamento freudiano a exigência dualista proposta muitas vezes em sua teoria, não só num nível metapsicológico como no caso das pulsões, mas também nas psicopatologias e isto parece servir para demonstrar o conflito interno, “as duas



ALMEIDA, Bruno Henrique Prates. **Pulsão de Morte**: Convergências e Divergências entre Sigmund Freud e Wilhelm Reich. Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

faces de uma mesma moeda”. O termo ambivalência (amor X ódio) aparece na obra freudiana pela primeira vez no artigo “A dinâmica da transferência” (1912), apesar de que a idéia já estava presente anos antes, como no “Pequeno Hans” (1909). Esta ambivalência ocorre em todos os relacionamentos humanos, já que as pulsões de vida e de morte, a sexualidade e os impulsos destrutivos e agressivos, estariam no sujeito desde sua concepção. A questão dos pares de opostos (sadismo X masoquismo, voyeurismo X exibicionismo, etc), foram colocados por Freud muitos anos antes do último dualismo pulsional, mais precisamente em 1905, no clássico anteriormente citado “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Alguns anos depois ele volta a esse assunto com a intenção de reformular algo que havia sido exposto naquela época, sendo de extrema importância para nosso tema: a questão da existência ou não de um masoquismo primário.

A princípio, Freud não considerava a existência de um masoquismo primário, apenas o masoquismo que deriva de um sadismo já existente nas pulsões sexuais. No artigo “Além do Princípio de Prazer” (1920/1976), o autor considera a hipótese de que “pode haver um masoquismo primário” (p. 75), e, mais tarde, em 1924, no artigo “O problema econômico do masoquismo” ele vem a considerar como certa a existência deste. Nesta última obra citada ele vem distinguir três formas de masoquismo, ampliando este conceito para além de uma perversão sexual e comprovando a existência de sujeitos que encontram satisfação na própria doença, no sofrimento e na humilhação. Um desses tipos de masoquismo é chamado de “masoquismo moral” e é o que mais se afasta da sexualidade, mas não deixa a condição de ser um instinto destrutivo que se voltou contra o próprio ego.

No artigo “O Ego e o Id” (1923), Freud descreve um tipo de paciente que, durante o tratamento analítico, externa reações muito peculiares. Perante qualquer elogio ou apreciação por parte do analista, ou mesmo frente a melhorias e progressos obtidos na análise, como a eliminação de algum sintoma, esses sujeitos têm uma reação atípica: ficam piores, ocorrendo uma intensificação de sua doença. Esta dinâmica foi denominada pelo pai da psicanálise como “reação terapêutica negativa” (p. 65). Acrescenta ainda que “existe algo nessas pessoas contra o seu restabelecimento, e a aproximação deste é temida como se fosse um perigo” (p. 65). A questão ‘moral’ é tida como um sentimento de culpa inconsciente,



ALMEIDA, Bruno Henrique Prates. **Pulsão de Morte: Convergências e Divergências entre Sigmund Freud e Wilhelm Reich.** Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

uma necessidade de punição, que dificulta muito o caminho da cura, pois se satisfaz na doença e não aceita abandonar a punição do sofrimento. Este sentimento inconsciente de culpa encontra-se profundamente reprimido e se baseia “numa tensão existente entre o ego e o ideal do ego, sendo expressão de uma condenação do ego pela sua instância crítica” (p. 67), que age de maneira cruel e irada.

Freud vê-se então convencido da existência de uma tendência nos organismos vivos e no ser humano, de retornar ao estado inanimado, inorgânico e livre de tensões. Então, segundo a psicanálise freudiana, a espécie humana, dotada de pulsões, de um complexo desenvolvimento sexual e ainda de linguagem, que a diferencia dos outros seres vivos (mas a torna mais complexa), teria uma inclinação latente e até mesmo biológica, inata, a encontrar satisfação na dor e no sofrimento.

A Refutação de Wilhelm Reich

Wilhelm Reich esteve oficialmente vinculado ao movimento psicanalítico entre 1920 e 1934 e coordenou os famosos “Seminários de Técnica” de Viena de 1924 a 1930, por onde passaram quase todos os analistas da terceira geração. Depois de sua ruptura com a *IPA (International Psychoanalytic Association)*, continuou suas pesquisas e teorizações a partir de todo seu profundo conhecimento dos alicerces da teoria psicanalítica, porém com modificações técnicas importantes. “Reich, psicanalista publicamente engajado na luta pró-comunismo e contra o nazi-fascismo, representava um perigo para a posição de neutralidade que o movimento psicanalítico do período procurava manter por diversas razões, entre elas a da própria sobrevivência”.(Wagner, 1995, p.8). Um de seus incômodos se referia, por exemplo, à passividade do analista durante o tratamento e esta entre outras questões o levaram a desenvolver sua própria maneira de abordar seus pacientes: a análise do caráter.

Tornou-se um dos teóricos que mais questionou e discordou da hipótese que veio a se confirmar como uma importante parte da teoria psicanalítica, cujo tema escolhemos para apresentação neste trabalho: a pulsão de morte. Uma de suas principais obras, intitulada “Análise do Caráter” (1933), foi publicada e muito bem recebida no meio psicanalítico, sendo vista na época por muitos, como o principal tratado de técnica já escrito até então. Neste



ALMEIDA, Bruno Henrique Prates. **Pulsão de Morte**: Convergências e Divergências entre Sigmund Freud e Wilhelm Reich. Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

livro, consta um capítulo, publicado pela primeira vez em 1932 no *Internationalen Zeitschrift für Psychoanalyse*. Freud era o editor deste periódico. Assim, deixou claro que “só permitiria que o artigo aparecesse na revista se fosse acompanhado de uma nota editorial esclarecendo que Wilhelm Reich escrevera o artigo contra a teoria da pulsão de morte ‘a serviço’ do Partido Comunista”.(Reich, 1933/2001, p. 216). Esta era uma posição claramente absurda já que os argumentos clínicos de Reich eram bem fundamentados na prática e tentou-se desacreditar sua teoria do masoquismo, “atribuindo-a a motivos políticos e emocionais”. (p. 216). Este artigo publicado representou a primeira ruptura teórica entre Reich e a teoria freudiana, pois foi justamente neste que, pela primeira vez, a existência primária da pulsão de morte foi contestada de maneira direta.

Um dos questionamentos feitos foi sobre o fato de que não havia nenhuma prova convincente de uma pulsão biologicamente determinada que poderia tendenciar o organismo para a autodestruição, ou seja, não havia “uma imutável vontade biológica de sofrer”.(p.216). Em se considerando a visão reichiana, a pulsão de morte é algo secundário, adquirido, e não primário e intrínseco ao ser humano. Reich procurava denunciar a sociologia do sofrimento humano, ou seja, o fato de que havia muitas condições sociais que causavam as neuroses e que estas não tinham sua etiologia numa vontade biológica de sofrer.

Segundo ele, era bastante claro e perceptível, principalmente dentro das clínicas, que “em tudo quanto fazia, o homem demonstrava a sua tendência em direção ao auto-aniquilamento. O instinto de morte manifesta-se em impulsos masoquistas. Era por causa desses impulsos que os pacientes neuróticos ‘se recusavam’ a ser curados”.(Reich, 1927/1995, p. 115). Esses impulsos masoquistas impediam que o paciente se curasse e “nutriam o sentimento inconsciente de culpa, que podia também ser chamado de necessidade de punição. Os pacientes não queriam curar-se muito simplesmente porque os impedia essa necessidade de punição, que encontrava satisfação na neurose”. (p. 115).

Até então, a neurose era um conflito entre a pulsão que busca satisfação e o mundo externo que frustra este objetivo, provocando inicialmente o **medo** da punição. A partir da hipotética pulsão de morte muitos analistas passaram a considerar que, na verdade, se dava um conflito entre a pulsão e a **necessidade** de punição. “Estava em desacordo com todas as



ALMEIDA, Bruno Henrique Prates. **Pulsão de Morte**: Convergências e Divergências entre Sigmund Freud e Wilhelm Reich. Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

observações clínicas. Estas últimas não deixavam dúvida de que a primeira formulação de Freud era correta, isto é, as neuroses eram causadas pelo medo à punição da atividade sexual e não pelo desejo de ser punido por causa dela”. (Reich, 1927/1995, p. 115). Sendo assim, na prática clínica, “a tarefa do analista era, sem dúvida, tratar esses desejos de autopunição como uma formação neurótica secundária, eliminar o medo do paciente à punição, e liberar-lhe a sexualidade. Não era função do tratamento confirmar essas tendências de destruição como manifestações de tendências biológicas profundas”. (p. 115). Reich se mostrou em desacordo com a hipótese exposta por Freud e não escondeu sua insatisfação diante deste fato que, para ele, impossibilitava o trabalho dos analistas: “se há um instinto biológico profundamente enraizado de permanecer doente e de sofrer, então a terapia nada pode fazer!” (Reich, 1927/1995, p. 135).

Na questão do masoquismo, ele continuou considerando que este é o sadismo, voltado contra o ego. Seria o impulso agressivo que, inibido pela frustração e pelo medo, se volta contra o sujeito. A agressividade sim, é intrínseca ao ser humano e, a princípio, não corresponde necessariamente à destruição ou sadismo. “Agressão é a expressão de vida da musculatura e do sistema de movimento (...) é sempre uma tentativa de prover os meios para a satisfação de uma necessidade vital. Assim, a agressão não é um instinto, no sentido estrito da palavra. Consiste mais no meio indispensável de satisfação de todo impulso instintivo”. (Reich, 1927/1995, p. 139). Estes representantes da frustração, a princípio, são externos (família, por exemplo), porém são posteriormente internalizados (superego) e se tornam o “agente da punição em relação ao ego (consciência). O sentimento de culpa resulta do conflito entre o empenho amoroso e o impulso destrutivo” (Reich, 1933, pp.218-219), destinados ao mesmo objeto. Portanto, não há para Reich, um masoquismo primário, uma satisfação prazerosa buscada na dor por consequência de impulsos inatos e biológicos. Existe uma consideração reichiana demonstrando de maneira clara como esse impulso agressivo inato pode vir a se converter em sadismo: “Se a sexualidade agressiva consiste em uma satisfação negada, a necessidade de satisfazê-la a despeito da negação continua a se fazer sentir. De fato, surge o impulso de experimentar o prazer desejado *a qualquer preço*. A necessidade de agressão começa a suprimir a necessidade de amar. Se o objetivo do



ALMEIDA, Bruno Henrique Prates. **Pulsão de Morte**: Convergências e Divergências entre Sigmund Freud e Wilhelm Reich. Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

prazer é completamente eliminado, i.e., tornado inconscientemente impregnado de angústia, então a agressão, que originalmente era apenas um meio, se torna – em si mesma – uma ação relaxadora da tensão. Torna-se agradável como uma expressão de vida, dando assim origem ao sadismo” (Reich, 1927/1995, p. 139).

A famosa “reação terapêutica negativa” foi questionada, pois “permanecia a dúvida de como se devia conceber essa ‘vontade de sofrer’: como uma tendência biológica primária ou como uma formação secundária do organismo psíquico” (Reich, 1933/2001, p.221). Dentro desse mesmo aspecto, ele mostrou-se indignado e denunciou em sua obra “A Função do Orgasmo” (1927) o fato de que muitos psicanalistas fizeram uso da hipótese para justificar o fracasso terapêutico. Afirmavam alguns, que em certos pacientes, a pulsão de morte era mais forte que a pulsão de vida, o que inviabilizava o progresso na análise. (Reich, 1927/1995).

Considerações Finais

Complementando o embasamento teórico apresentado, torna-se importante atentarmos para o contexto histórico do surgimento do conceito de ‘Pulsão de Morte’, pois, os acontecimentos externos ao âmbito puramente científico também influenciaram na construção do conhecimento.

O artigo elaborado por Freud, onde apresentou (ou admitiu) a existência da Pulsão de Morte intitulou-se “Além do Princípio Prazer”, tendo sido escrito em 1920, na cidade de Viena, no período que sucedia ao fim da Primeira Guerra Mundial. Se anteriormente a essa catástrofe Viena vivia uma época de glória, com uma fértil vida social e cultural da corte imperial, o cenário pós-guerra refletia uma realidade aterradora: faltavam alimentos, combustível e todos os bens estavam em regime de racionamento. E Freud viveu todas essas dramáticas conseqüências da guerra. Fatalmente a situação econômica de sua família estava comprometida, seu filho demorava a voltar dos campos de batalha e a febre Espanhola fez milhares de vítimas. Além de todas essas dificuldades, sua esposa adoeceu e uma filha morreu deixando dois netos. Como podemos notar, dificilmente alguém



ALMEIDA, Bruno Henrique Prates. **Pulsão de Morte**: Convergências e Divergências entre Sigmund Freud e Wilhelm Reich. Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

sobreviveria conservando pensamentos otimistas diante de uma situação de calamidade total.

Naquele artigo publicado, Freud deixa bem claro que a linha de pensamento tomaria um sentido especulativo, portanto permitindo-se um raciocínio bem mais ousado, seguindo caminhos desconhecidos, utilizando-se de hipóteses e idéias, sendo assim guiado mais pelo livre pensamento do que pela razão científica. É bem verdade que decorridos alguns anos, a dualidade Eros/Tanatos se tornou um conceito e então foi inserida no corpo teórico da psicanálise.

O que significaria então, teorizar sobre algo que avança para além do Princípio de Prazer, até então o principal fundamento que regiria o funcionamento mental? A introdução da Pulsão de Morte passou a apresentar-se como o 'grande regente' do aparelho psíquico, tendenciando-o a livrar-se das tensões (descarregá-las) e se possível levá-las a zero, mas isto corresponderia à morte do organismo, ou seja, a uma suposta volta ao inorgânico.

Diante dessas investigações surge uma outra questão: qual seria, afinal, o objetivo da Pulsão de Morte existente nos organismos vivos? Levá-los à morte propriamente dita? É como se o organismo desejasse morrer naturalmente, através de causas internas (pulsionais?), sem que um suposto ciclo natural de vida (pré-estabelecido? por quem? pelo quê?) pudesse ser interrompido. Confuso poder-se imaginar que as dtas Pulsões de Vida lutam para que o indivíduo permaneça vivo objetivando morrer do seu próprio modo... Neste sentido, Eros seria conservador no sentido de procurar meios de manter a vida, mas se questionarmos mais profundamente, não seria só a Pulsão de Vida, já que Tanatos sempre tende a impulsionar o organismo vivo a retornar ao inorgânico, denotando também uma característica conservadora. Torna-se complicado pensar na possibilidade de que a vida humana possa ter sido evocada do inorgânico, mediante a ação de forças externas, como se o surgimento das formas mais complexas de vida não viesse da própria evolução, dos processos já existentes como matéria animada. Assim, a vida e a morte representam início e fim, respectivamente, ou fazem parte de um todo cíclico sem início e fim (Inorgânico–Orgânico–Inorgânico)?



ALMEIDA, Bruno Henrique Prates. **Pulsão de Morte**: Convergências e Divergências entre Sigmund Freud e Wilhelm Reich. Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

Outra questão evidenciada, revelava o afastamento de Freud das explicações puramente instintuais/biológicas, preferindo percorrer as bases do que ele intitulava : “Psicologia Profunda” - se relacionando mais com um campo mental/psicológico ou simbólico/representacional. Porém, percebemos que neste trabalho de 1920, ele recorre à biologia, com o intuito de comprovar o aspecto instintual das pulsões e por fim nos deparamos com o autor admitindo a existência das pulsões agressivas (ou de morte), fato que até então havia sido exposto por um de seus discípulos (Alfred Adler), e, no entanto, negado por ele próprio.

A questão da agressividade merece uma pontuação. A opinião “antropológica” freudiana considera os instintos com uma necessidade de serem domesticados, possibilitando ao Homem alcançar sua capacidade de simbolizar (criar representações). Tal questão foi fundamental para sua evolução/adaptação e porque não, sobrevivência. Portanto, obrigou-se também a “domesticar” a agressividade, possibilitando que esse caminho evolutivo pudesse ser trilhado, considerando a sua importância para o processo de individualização, ou formação do Eu. A visão de Freud em relação à agressividade ressaltava que tal instinto não fazia parte das pulsões de autoconservação, e sim, representava algo secundário (indesejável?) e necessitava ser dominada. Já na visão de Reich, a agressividade é o movimento em busca daquilo que se deseja, é a força, de dentro para fora, do centro para a periferia, que cria os meios para a satisfação, fisiologicamente representada pela ação muscular e disponibilidade de energia corporal. Nesse sentido, percebemos claramente que a agressividade é, na opinião reichiana, estritamente necessária para a vida e quanto mais disponível e bem canalizada, melhor.

O sofrimento humano já foi (e ainda é) tema de incontáveis teóricos, filósofos, poetas e artistas e cada qual vai expondo, de sua forma, no seu entendimento, sua explicação e até mesmo sua própria dor. Os profissionais atuantes na área de promoção da saúde, buscam algum tipo de cura no diagnóstico/tratamento de enfermidades físicas/orgânicas ou psicológicas/emocionais. Concordamos particularmente que trabalhar na área da saúde e ao mesmo tempo acreditar que os seres humanos têm uma disposição inata para o sofrimento e satisfação/prazer na doença seria bastante desanimador. Porém, negar o fato de que



ALMEIDA, Bruno Henrique Prates. **Pulsão de Morte:** Convergências e Divergências entre Sigmund Freud e Wilhelm Reich. Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

existem inúmeros indivíduos que, de certa forma, se satisfazem na enfermidade seria também um equívoco, levando-se em conta as diversas estratégias (conscientes e inconscientes) que o sujeito consegue manobrar para obter ganhos com a própria doença.

Compartilhamos da opinião de Reich, nos colocando frente a uma gama de possibilidades. Analisando essa questão podemos avaliar: se o sujeito sofre e encontra prazer, mesmo que inconsciente, isto se constitui num processo adquirido, aprendido e condicionado, como se o afeto por ele recebido tivesse vindo numa fusão de amor e dor, prazer e sofrimento. Sendo portador de tais condicionamentos, o ser humano, ao dirigir todos os seus impulsos amorosos e agressivos para um mesmo objeto, fatalmente se sentirá culpado, sendo então levado automaticamente a repetir todas as situações punitivas. Além disso, a busca pela satisfação sempre frustrada, pode ainda impulsionar o sujeito a voltar sua agressividade contra o próprio ego, constituindo-se em mais uma forma de punir a si mesmo. Devemos também acrescentar que a repetição de situações dá ao indivíduo “novas chances” de finalizá-la de diferentes formas, o que significa a possibilidade de um êxito salutar.

Sem sombra de dúvida, a contribuição de Freud para a humanidade é transformadora e só poderia nascer de um grande pensador da condição humana. Além de suas inúmeras outras observações, verificou essa “pressão energética” que brota do interior do organismo humano, necessitando de meios para ser descarregada, dando-nos nitidamente a impressão de algo que pulsa constantemente. A psicanálise revelou-se para a humanidade, uma das formas de se pensar o homem e seu psiquismo, sendo uma teoria científica, um método de investigação e uma prática clínica.

Wilhelm Reich desenvolveu sua própria prática clínica a partir da teoria científica psicanalítica. Integrou todo o conhecimento básico da psicanálise (Desenvolvimento Psicosssexual Infantil, Transferência, Mecanismos de Defesa, Psicopatologias, etc) no corpo, que a partir deste teórico, entrou como parte ativa no processo terapêutico.

Como podemos perceber, Sigmund Freud e Wilhelm Reich deixaram seus legados para que pudéssemos continuar questionando e trabalhando rumo ao crescimento do conhecimento. Para trilharmos um caminho para o alívio de nossas dores psíquicas e corporais que refletem a nossa história onto e filogenética.



ALMEIDA, Bruno Henrique Prates. **Pulsão de Morte: Convergências e Divergências** entre Sigmund Freud e Wilhelm Reich. Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: ____/____/____.

Referências

Freud, S. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Em *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* Rio de Janeiro: Imago, 1905/1976, vol. VII pp. 123-237.

Freud, S. *Além do Princípio de Prazer*. Em *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* Rio de Janeiro: Imago, 1920/1976, vol. XVIII, pp. 13-85.

Freud, S. *O Ego e o Id*. Em *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* Rio de Janeiro: Imago, 1923/1976, vol. XIX, pp. 13-76.

Freud, S. *O Problema Econômico do Masoquismo*. Em *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1924/1976, vol. XIX, pp. 197-212.

Laplanche e Pontalis (1999). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes.

Reich, W. *A Função do Orgasmo*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1927/1995.

Reich, W. *Análise do Caráter*. São Paulo, Martins Fontes, 1933/2001

Wagner, C. *Freud e Reich: Continuidade ou Ruptura?* São Paulo: Summus Editorial, 1995.

Zimerman, D. *Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

=====

Bruno Henrique Prates de Almeida é Psicólogo pela Universidade Católica de Goiás e tem formação básica em Bioenergética.

Cidade: Goiânia/GO

e-mail: bruno@ericom.com.br

=====

CENTRO REICHIANO DE PSICOTERAPIA CORPORAL LTDA

Av. Pref. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 / www.centroreichiano.com.br / centroreichiano@centroreichiano.com.br